

V Á R I A

27.^a campanha de escavações no castro de Carvalhelhos (1977)

O Castro de Carvalhelhos fica em termo da aldeia de Carvalhelhos, freguesia de Bêça, concelho de Boticas e distrito de Vila Real de Trás-os-Montes.

Fica a uns 400 ou 500 m das Caldas Santas de Carvalhelhos, remota designação das, justamente afamadas Águas de Carvalhelhos.

Dista cerca de 7 km a poente de Boticas e a 27 km a sudoeste de Chaves.

O Castro, relativamente pequeno, assenta na vertente leste da Serra de Barroso, a cerca de 800 m de altitude, no alto de um esporão ou promontório, abraçado pelo ribeiro que lhe corre no sopé.

Embora o recinto cimeiro, arredondado e muralhado, seja pequeno, com os diâmetros respectivamente de 51 m por 42,50, o castrinho é cheio de interesse por algumas das suas particularidades, que têm sido descobertas e estudadas mercê das escavações que ali venho fazendo há perto de 30 anos.

Tais escavações iniciei-as em 1951 com subsídio do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Mas já em 1949 e 1950, com a colaboração de alguns jovens companheiros de hotel, tivesse procurado o alinhamento e base da muralha, afastando as pedras miúdas do enchimento da muralha, que tapavam o referido alinhamento e base. Esta foi sempre encontrada intacta, por vezes com alturas de 70 a 80 cm, excepcionalmente mais.

Desde 1951 o castro é imóvel de interesse público (Decreto n.º 38 491 de 6 de Novembro de 1951).

A campanha de 1977 é a 27.^a, propriamente de escavações, se bem que, considerando as prospecções feitas em 1949 e 1950, podem-se contar 29 anos de trabalhos consecutivos no seu estudo e valorização.

De 1952 a 1956 seguiram-se escavações com pessoal e ferramentas cedidas pela Empresa das Águas de Carvalhelhos.

Presto homenagem à memória do querido amigo D. Francisco Gonzalez, que, durante muitos anos foi prestigioso Presidente do Conselho de Administração da Empresa.

O D. Francisco foi o grande impulsionador da primeira fase das escavações no castro, mas também dos trabalhos nos anos subsequentes, que sempre acompanhou de perto, e subsidiou algumas campanhas.

Nesses anos algumas pequenas verbas foram concedidas pelo meu querido Mestre, Prof. Mendes Correia, Presidente do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular e do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Nos anos de 1957 e 1958, mercê de subsídios um pouco maiores, da ordem da dezena de milhar de escudos, concedidos pela Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais (Ministério das Obras Públicas) puderam fazer-se trabalhos de certo vulto na desobstrução da base das muralhas e reposição nas mesmas das pedras delas caídas.

Não quero perder o ensejo de, mais uma vez, testemunhar agradecimentos ao Eng.º Arantes de Oliveira, então Ministro das Obras Públicas, e ao Eng.º Gomes da Silva, que era Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pela concessão das verbas que permitiram dar um grande impulso aos trabalhos de reposição do castro na sua feição primitiva.

O castro fica em terreno maninho adstrito ao plano de arborização dos Serviços Florestais.

Também não quero deixar de prestar o testemunho de homenagem e agradecimentos devidos ao Eng.º Filipe Jorge Mendes Frazão, já falecido, que era o Director-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas (Ministério da Economia), que, prontamente, aquiesceu ao meu pedido, para que não só o

castro mas também uma orla circundante, de cerca de 100 m de diâmetro, não fossem arborizados, e que tal orla constituísse zona de protecção do castro e ao mesmo ficasse adstrita.

Das escavações e descobertas feitas no castro tenho dado conta em trabalhos sucessivamente publicados que a seguir se indicam.

- J. R. dos Santos Júnior, *O Castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Vol. xvi, Porto, 1957, págs. 25-62, 62 Figs.
- Idem, *Rampas de acesso às muralhas do Castro de Carvalhelhos*, in «Buletin de la Comisión de Monumentos de Orense», Tomo xx, Años 1959-60, Orense, págs. 361-368, 4 Figs.
- Idem, *Escavações no Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1963*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fasc. 2.º, Vol. xix, Porto, 1963, págs. 187-193, 3 Figs.
- Idem, *Escavações no Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1964*, in id., Fasc. 3-4, Vol. xix, Porto, 1965, págs. 360-365, 8 Figs.
- Idem, *Duas campanhas de escavações no Castro de Carvalhelhos*, (1965-1966), in id., Fasc. 1-2, Vol. xx, Porto, 1966, págs. 181-190, 9 Figs.
- Idem, *Escavações no Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1970*, in id., Fasc. 1, Vol. xxii, Porto, 1971, 4 págs. e 4 Figs.
- Idem, *As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos*, in id., Fasc. 3.º, Vol. xxii, Porto, 1973, 15 págs, 2 Figs.
- Idem, *Castro de Carvalhelhos — Campanha de escavações em Agosto de 1975*, in id., Fasc. 4, Vol. xxii, Porto, 1975, pág. 559-566, 4 Figs.
- Idem, *Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1976*, in id. Fas. 1, Vol. xxiii, Porto, 1977, págs. 161-165, 2 Figs.

Aquando da realização do Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja, realizado em Carvalhelhos de 4 a 11 de Outubro de 1972, já se haviam desentulhado alguns pequenos troços dos três fossos que constituíam importantes linhas de defesa e atingiam funduras de 6 a 7 m. Este facto que tanto me tinha impressionado, causou nos arqueólogos portugueses e espanhóis participantes no Colóquio, a mesma impressão.

Uns e outros me incitaram a prosseguir no desentulhamento de mais alguns troços dos fossos, que constituíam impor-

tante linha de reforço às notáveis condições de defesa do castro, formada pela bordadura de pedras fincadas, pelos três fossos e pela dupla muralha do lado poente.

Aquele Colóquio realizou-se por a minha sugestão ter tido pronta anuência, com franco e rasgado incentivo, dos então Administradores da Empresa das Águas de Carvalhelhos, senhores Orlando Gonzalez e António Setas (1), e bem assim do Instituto de Alta Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian, das Câmaras Municipais de Chaves e de Sabrosa e da Companhia Portuguesa de Electricidade.

Foi possível a conveniente organização de sessões de trabalhos na Estalagem de Carvalhelhos e de visitas de estudo ao Museu de Chaves, e não só ao Castro de Carvalhelhos, mas também aos castros de Sabrosa e de S. Vicente das Chãs (Pisões), nos quais há anos se realizaram escavações por nós orientadas e nelas participamos.

Também foi possível a publicação dos trabalhos apresentados e discutidos no Colóquio que foram publicados no fasc. 3 do vol. XXII da revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 1973, com 284 págs. e 82 Figs. A despesa da publicação deste fasc. foi coberta, na sua quase totalidade pela Empresa das Águas de Carvalhelhos, em louvável atitude mecénica.

A actual Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos tem continuado a ajudar os nossos trabalhos no castro, pelo que lhe são devidos justos e bem merecidos louvores, e lhe testemunho os meus agradecimentos.

*

A campanha de 1977 tinha sido projectada para o mês de Agosto.

Em consequência de um acidente que provocou a fractura do grande trocânter da minha perna direita, os trabalhos de

(1) A Empresa recebeu os arqueólogos participantes do Colóquio como seus hóspedes de honra.

escavações tiveram de ficar adiados para a segunda quinzena de Setembro.

Para esta campanha a Direcção do Património Cultural (M. E. I. C.), concedeu-nos um subsídio de 20 000\$00.

A actual Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos também coadjuvou os trabalhos deste ano tomando a seu cargo a despesa de uma máquina escavadora, bem como forneceu ferramentas, algum do seu pessoal e um «dumper» para transporte de terra e pedras.

À Direcção-Geral do Património Cultural na pessoa do seu Director-Geral Sr. Dr. João José Cochofel, e ao Digm.º Conselho de Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos, apresento sinceros agradecimentos pelos valiosos auxílios concedidos.

As pedras fincadas, que formam um ouriçado, de que, infelizmente, restam apenas algumas porções em distribuição descontínua, foram, mais uma vez, limpas da vegetação intercalar (Figs. 11 e 12).

Como atrás referi os arqueólogos portugueses e espanhóis participantes no Colóquio de Cultura Castreja, realizado em Carvalhelhos de 4 a 11 de Outubro de 1972, incitaram-me, «una vocem», a prosseguir no desaterro de mais alguns troços dos fossos. Foi o que se fez, em 1969 e 1972 a 1974, à picareta e à pá. Em 1975, pela primeira vez com máquina escavadora, e, com a mesma máquina na campanha de 16 a 30 de Setembro deste ano de 1977.

Sempre tive grande relutância na utilização de máquina escavadora em escavações arqueológicas, que devem ser feitas cautelosamente, com os necessários vagares, e que, por isso, não permitem pressas de afogadilho.

Como, porém, nas várias campanhas de desentulhamento dos fossos sempre encontramos apenas terra e pedras e nem sequer um singelo fragmento de cerâmica ou de escória, tão frequentes no recinto muralhado, resolveu-se utilizar, mais uma vez, a máquina escavadora, generosamente paga pela Empresa

das Águas de Carvalhelhos (Fig. 6). A máquina trabalhou nas duas últimas semanas de Setembro 58 horas e meia a 400\$00 a hora importaram em 23 400\$00.

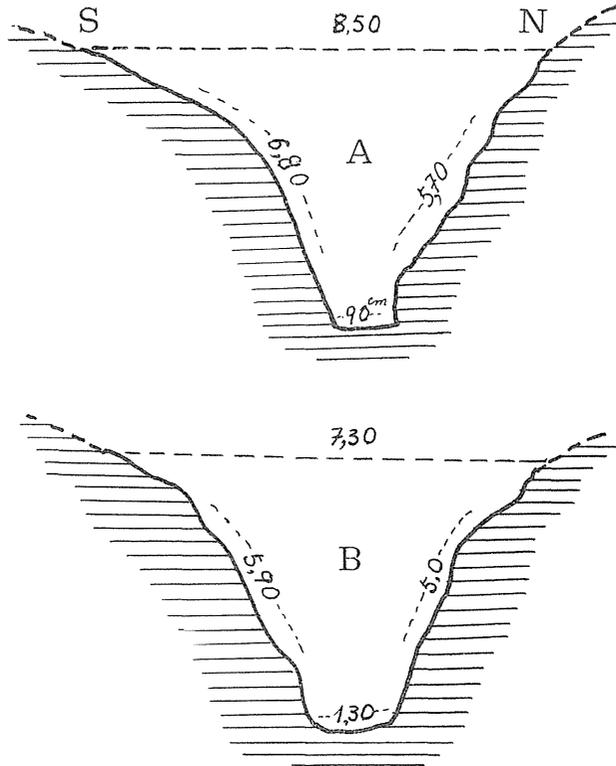


Fig. 1 — Perfis em corte do fosso n.º 1 acima do passadiço, que ficou entulhado com o velho enchimento de terra e pedras. A: no início do topo íntegro junto do passadiço. B: 10 m acima. As medidas são em metros tanto neste como nos seguintes.

Mais uma vez a Administração da Empresa auxiliou de modo eficaz os trabalhos de valorização do castro.

Nesta campanha a máquina desentulhou a porção da vertente leste do fosso n.º 1 numa extensão de 35 m.

Fosso n.º 1 — É impressionante a profundidade atingida por este fosso, que, como mostram os desenhos da Fig. 2, atinge 7 e 8 m, com boca que vai dos 8,40 a 10 m.

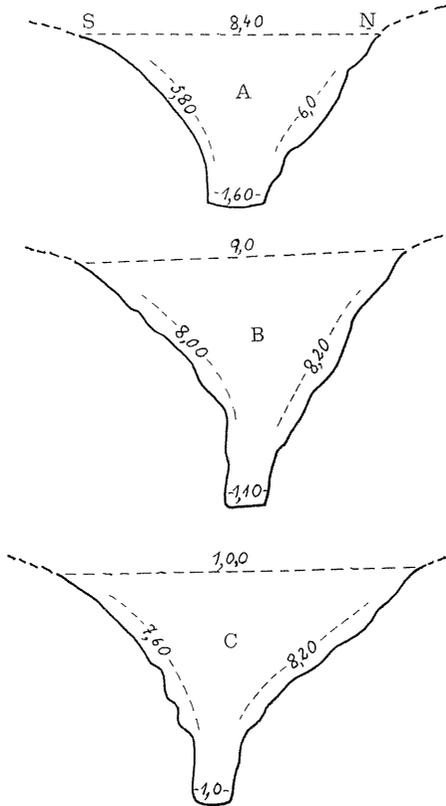


Fig. 2 — Perfis do fosso n.º 1 na vertente leste do Castro de Carvalhelhos.
A — No início junto do passadiço; B a 10 m e C a 20 m do passadiço.

A profundidade do fosso acima do passadiço é menor, como mostra a Fig. 1.

No troço desentulhado a secção do fosso é em V, e todo aberto em xisto. O fundo apresenta dois ressaltos em degraus, cada um dos quais abaixa o fundo em cerca de 1 m.

Entre as muitas pedras, que, misturadas com terra, enchiam este fosso, foram encontradas nos primeiros 10 m algumas pedras de granito de face lisa picotada, que fizeram parte da

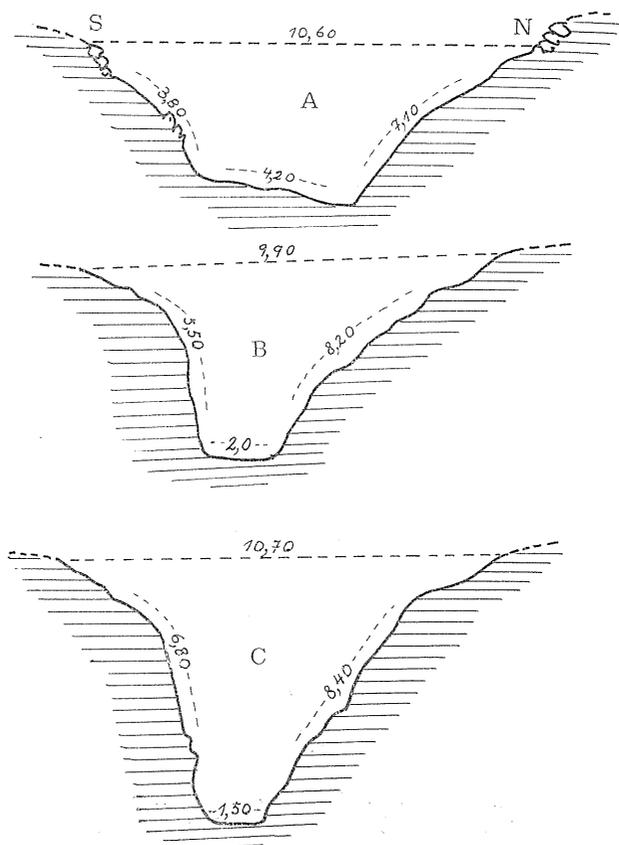


Fig. 3 — Perfis do fosso 2 na vertente leste do Castro de Carvalhelhos.
A — no início do passadiço; B — a 10 m e C a 20 m do passadiço.

muralha. Mais uma prova de que a destruição parcial da muralha acompanhou o entulhamento do fosso, deste modo neutralizando duas linhas de defesa, a muralha e o fosso.

Fosso n.º 2 — Neste fosso, que na campanha de 1975 fora desentulhado em cerca de 20 m de comprimento, continuou-se o desaterro no pendor da encosta, que foi levado a mais uns 25 m para leste.

O fosso n.º 2, como mostram os desenhos da Fig. 3, é de boca maior, que atinge 10,70 m, tem fundos mais largos e bordos ou rampas menos abruptas que chegam a atingir o comprimento de 8,40 m.

É menos fundo que o fosso n.º 1, como se mostra na Fig. 4, desenho esquemático dos perfis de cortes feitos no mesmo alinhamento.

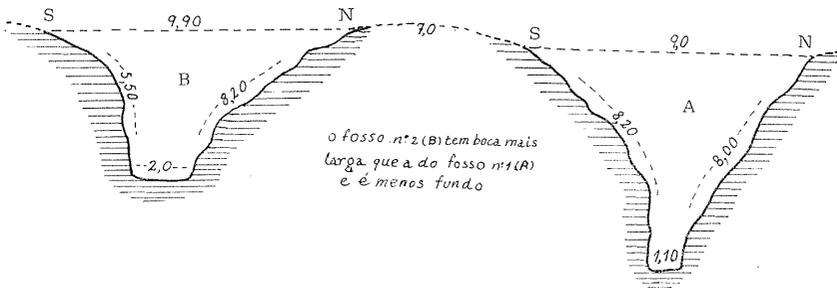


Fig. 4 — Perfil dos fossos 1 (A) e 2 (B) no alinhamento dos 10 m contados a partir do passadiço.

O volume de terra que foi arrastado pela escavadora era tão grande e a dificuldade de o «dumper» a carregar era também grande, que teve de se abrir no grande montão de terra acumulada uma vala para escoamento da água das chuvas.

É de crer que em próxima campanha pelo menos alguma daquela terra e pedras possam ser removidas.

O trabalho do desentulhamento dos fossos teve de ser acompanhado por dois ou três homens munidos de enxadas, isto para evitar que o escavador ou «gadanho» da máquina atingisse os lados ou o fundo do fosso, o que, a dar-se, falsearia as justas medidas quer dos lados quer do fundo. Os homens, quando a camada de terra nos lados e no fundo era já pequena, o que podia levar a máquina a atingir a rocha viva, com as

enxadas, rapavam a terra que amontoavam. Assim a máquina podia arrastar a terra sem morder a rocha.

Como é natural, tem sido no entulho do fosso n.º 1, que corre junto da muralha, que se têm encontrado pedras de granito picadas, em tudo semelhantes às que formam a face externa das muralhas. Em alguns sítios, tais pedras foram encontradas «in sito», na base das mesmas, que em alguns pontos atingia 70 e 80 cm de altura e excepcionalmente mais. Várias vezes assisti ao descarregar do «dumper» e nunca vi qualquer peça de interesse arqueológico; nem sequer um pedaço de cerâmica ou pequena porção de escória. Nada mais do que terra e pedras, e estas muitas.

Foi-me proporcionado um voo de helicóptero para do ar tirar fotografias a alguns castros do concelho de Boticas, e nomeadamente ao de Carvalhos (Figs. 13, 14, 15 e 16).

Foi companheiro de voo o Ex.^{mo} Amigo Senhor Eng.º António Barroso de Moura, Director Florestal, que então dirigia a Administração Florestal, com sede nas Pedras Salgadas, e me proporcionou o voo, pelo que lhe manifesto sincero agradecimento.

CONCLUSÕES

No desentulhamento da vertente leste dos fossos 1 e 2 foram escavadas e removidas algumas centenas de metros cúbicos de terra e pedras.

Este trabalho muito veio valorizar o castro, que está a tornar-se um primeiro tipo, ou exemplo do notável conjunto das suas defesas, em que as funduras dos fossos muito impressionam.

A falta de pessoal não permitiu senão o trabalho nos fossos, digno aliás de especial realce, algum serviço de corte e arranque de monte nas «pedras fincadas» (Figs. 11 e 12), e numa pequena zona do recinto muralhado, onde um pequeno lageado de pedras com outra pedra maior posta ao través, à maneira de «murilho» ou «trasfogueiro», faz suspeitar que se trata de uma lareira. Era nossa intenção escavar alguns metros à roda, onde se vêem algumas pedras soltas, e crivar a terra que se fosse escavando.



Fig. 5 — Testeira do fosso n.º 2 vertente leste, até onde foi levado o seu desentulhamento em 1975.

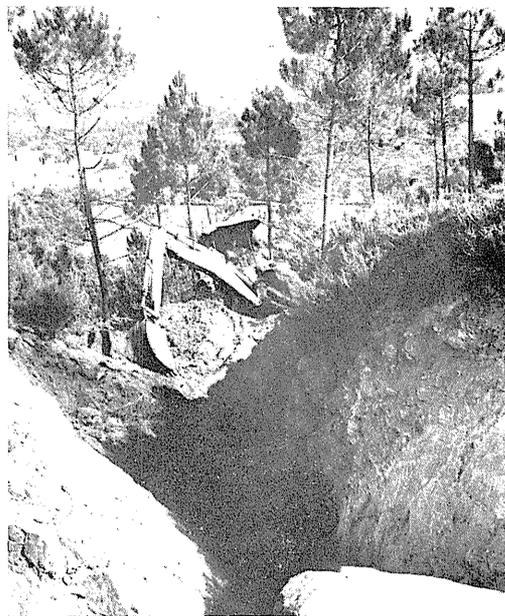


Fig. 6 — A máquina escavadora no início do ataque à testeira da fig. anterior.



Fig. 7 — O fosso n.º 1 na porção junto da muralha invadido pelo monte, especialmente carqueja e giesta.

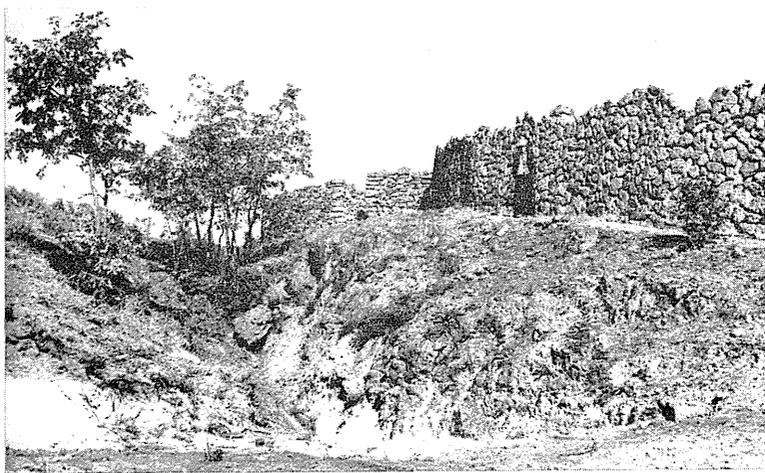


Fig. 8 — O fosso n.º 1 ao correr da muralha depois de limpo da vegetação que o invadia.



Fig. 9 — Amontoado de pedras de xisto que em grande quantidade entulharam os fossos 1 e 2.

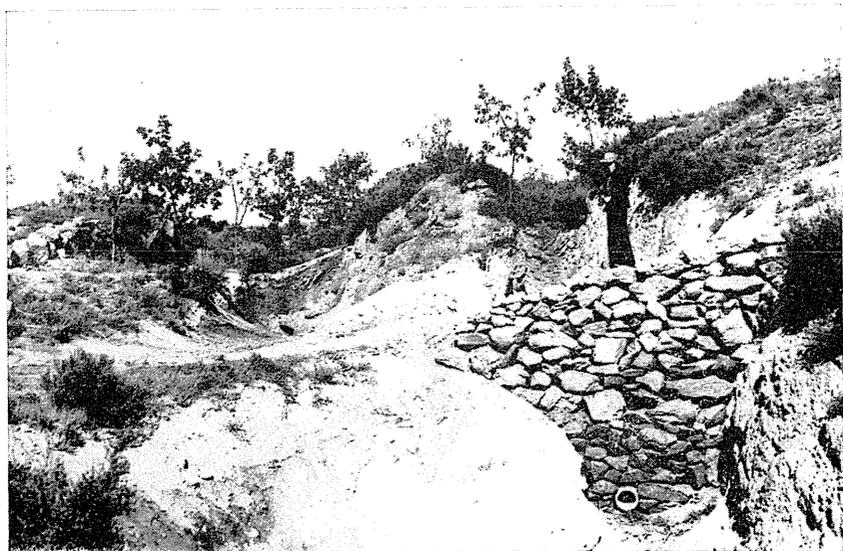


Fig. 10 — Passadiço no fosso 2, na sua confluência com o fosso 3. Feito com pedras do amontoado da fig. anterior.



Fig. 11 — Pedras fincadas do rebordo do 3.º fosso em parte tapadas pelo monte que crescia entre elas.

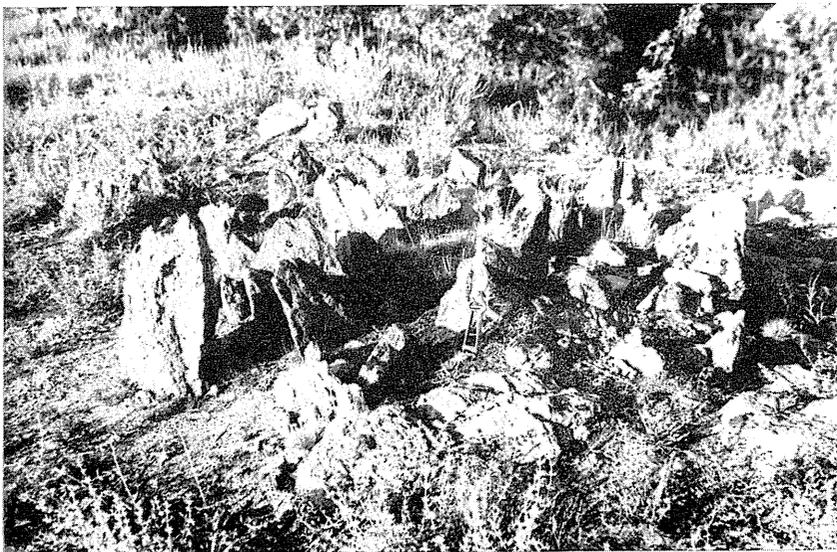


Fig. 12 — Uma porção de pedras fincadas depois de arrancado o monte que em parte as tapava.



Fig. 13 — Lado sul do castro de Carvalhos. Foto que tirei sobrevoando o castro de helicóptero.



Fig. 14 — Lado norte do castro.



Fig. 15 — Lado nascente.



Fig. 16 — Lado poente, mostrando a segunda muralha, por fora do recinto muralhado cimeiro.

É serviço que terá de fazer-se noutra oportunidade.

O Castro de Carvalhelhos pelo avanço feito este ano no desentulhamento dos dois fossos da vertente leste, com funduras de 7 e 8 m, a confirmar as funduras encontradas em campanhas anteriores nos três fossos do lombo ou cumieira, fica a constituir um caso notável, pela insólita e extensa fundura atingida pelos fossos.

Resta-me renovar agradecimentos à Direcção-Geral do Património Cultural pela concessão do subsídio, atrás referido, à Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos pelo encargo que tomou de pagar o serviço da máquina escavadora que, como já disse, importou em vinte e três mil e quatrocentos escudos (23 400\$00), e ao Sr. Eng.º António Barroso de Moura pelo excelente voo de helicóptero que me proporcionou.

Agradecimentos são também devidos ao Sr. José Barroco, Director das Águas de Carvalhelhos pelo interesse manifestado pela realização das escavações e pelo decorrer das mesmas, que visitou e acompanhou de perto em vários dias.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Dezembro de 1977

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Antigo Director do Instituto de
Antropologia «Dr. Mendes Correia»
e Presidente da Sociedade Portu-
guesa de Antropologia e Etnologia

Mais um berrão da zona do castro do Monte de Santa Luzia

(Freixo de Espada-à-Cinta)

O Sr. Elísio Óscar Capelas Avelar, proprietário em Freixo de Espada-à-Cinta, a quem muito se deve pelo seu inteligente interesse na salvaguarda dos muitos berrões aparecidos no Monte de Santa Luzia, escreveu-me em 20 de Março de 1978,